PECUÁRIA BOVINA DE CORTE

A atual crise do abastecimento de carnes é muito grave. Em razão da escassez **natural** *do boi gordo, de sua retenção no pasto e da falta de estoques reguladores, o consumo de carne bovina caiu fortemente, a partir de maio.*

O **Plano de Estabilização Econômica** incidiu fortemente sobre a pecuária bovina (carne e leite e, também, embora em menor grau, sobre a avicultura e a suinocultura). Em razão da acentuada escassez da carne bovina, verificada em todo o país, a crise do abastecimento estendeu-se aos diversos alimentos de origem animal.

Falta carne bovina porque, como acontece todos os anos, no período da entressafra, os abates se reduzem grandemente; porque a variação cíclica dos preços foi estancada artificialmente, em sua fase ascencional; por aumento da demanda insatisfeita; porque houve matança desproporcional de matrizes, no passado, comprometendo a atual capacidade produtiva do rebanho; por causas de ordem zootécnica; e por especulação.

A tudo isto somou-se a incapacidade de administração da escassez, com o governo federal fracassando na estocagem reguladora. No ano que vem, na mesma época, de novo será insuficiente a produção interna: quem viver, verá.

Sobressaiu, nestes meses de intensa conturbação (a partir de maio), a atividade pecuária estagnada ou até mesmo retrocedendo, em especial quando se considera a produção *per capita* de leite e de carne. Na verdade, dada a sua mútua vinculação, os produtos protеínicos de origem animal (carnes, peixe, leite e ovos) estão a merecer um programa comum, que considere a capacidade de substituição, mercadológica e de outras ordens, de cada um.

No que concerne à carne bovina, seu mercado apresenta acentuada demanda reprimida, nos últimos anos, apesar das potencialidades existentes (disponibilidade de terras, clima propício e tecnologia de baixo custo, dentre outras) para o desenvolvimento acentuado da pecuária.

Neste panorama, avulta a atuação governamental, cujas políticas intermitentes, ao invés de contemplarem a área produtiva, com vistas à expansão da oferta e à redução dos custos de produção, centram-se, de ordinário, primordialmente, nos consumidores urbanos e objetivam, quase sempre, evitar repercussões mais fortes sobre os índices de preços urbanos. Resulta daí uma constante e intensa oscilação dos preços dos produtos pecuários, observados anualmente na entressafra e nos ciclos plurianuais, com evidentes prejuízos para o criador e o consumidor.

A acumulação de efeitos, provocados pelas distorções estruturais e deficiências dos programas oficiais direcionados à produção, fizeram da crise atual do abastecimento da carne bovina a mais grave das últimas décadas. É possível que até mesmo a verificada durante a II Guerra Mundial, quando quase se liquidou o rebanho bovino brasileiro, em favor da alimentação das tropas, tenha sido menos dolorosa. Já não pode tardar a mudança do fulcro da política de abastecimento, do consumo para a produção, porque é evidente que o **gargalo** do problema está aí.

A atual crise eclodiu, apesar das inúmeras e tempestivas advertências de estudiosos e de entidades representativas dos segmentos envolvidos no abastecimento da carne bovina no país, da pecuária ao comércio varejista, abatedouros, frigoríficos e distribuidores.

Para melhor compreensão do quadro de escassez generalizada, que tem ensejado até a desapropriação de reses nos estabelecimentos privados, é oportuno realizar rápida análise retrospectiva do desempenho da pecuária de corte. Para facilitá-la, utiliza-se como elemento básico a evolução dos preços **reais** do boi gordo, no nível do produtor, cuja configuração gráfica se consagrou denominar **ciclo pecuário**(1). A variação temporal desses preços, refletindo o mercado em cada momento, repercute nos preços dos animais de reposição (bezerro e boi magro) e matrizes, e, por conseqüência, no comportamento do pecuarista em relação à lucratividade do negócio, num horizonte de três ou quatro anos. Assim, em fase de preços descendentes, constata-se empiricamente o recrudescimento do abate de matrizes, em função da expectativa pessimista do criador quanto ao preço do boi gordo no futuro. Como o aumento da matança

(1) Optou-se pelos preços praticados no estado de São Paulo por constituirem a mais longa série histórica disponível. O **CEA** armazena dados de todas as unidades da Federação, mas só a partir de 1966. Além disso, São Paulo é o mais importante estado brasileiro na produção animal bovina; não o é na criação, porém predomina largamente no abate. A cidade de São Paulo detém a maior quantidade consumida de carne bovina dentre as cidades brasileiras.

de matrizes significa maior oferta de carne, os preços tendem a baixar mais ainda, confirmando as previsões pessimistas do pecuarista e induzindo à remessa de mais matrizes, e até de bezerros, ao abate. Cada matriz ou bezerro abatido, constituindo uma redução na oferta futura do boi gordo, provocarão alta nos seus preços, de dois a três anos depois do início da fase descendente. O período de preços ascendentes do boi gordo desencadeará um processo de preservação de matrizes, retomando novamente o crescimento do rebanho.

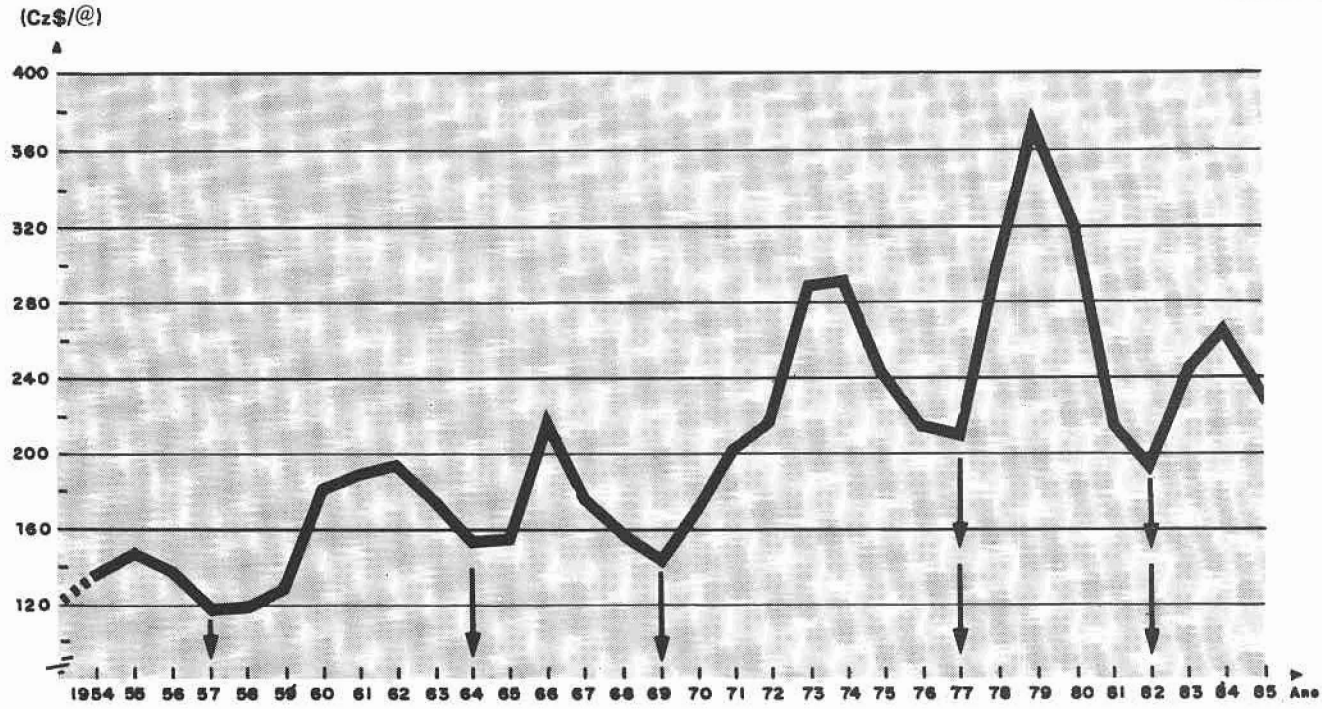
Os preços do boi gordo oscilam também sazonalmente, isto é, dentro do ano, em razão da queda do poder alimentar das pastagens, nos meses de inverno (entressafra), quando inexoravelmente diminui o metabolismo das **capineiras** em geral. Nesta fase, os animais perdem peso, acarretando redução temporária da sua oferta para abate, salvo se forem adequadamente alimentados em confinamento, mas neste caso, geralmente, os preços da alimentação dada aumentam de modo acentuado os custos, em comparação com os das pastagens, inviabilizando as vendas, não raro, aos preços praticados no mercado.

Os dados relativos ao mercado do boi gordo em São Paulo, desde 1954, indicam que seus preços trilharam um caminho ascendente, apesar da forte variação cíclica, de duração média de seis anos. Essa inferência deriva da constatação de que, ao longo desses 32 anos, os preços do **ano-pico** e do **ano-vale** de cada ciclo superaram, em geral, os do imediatamente anterior, evidenciando um processo altista, por assim dizer, histórico (ver Gráfico 01). Exceção à regra deu-se no ciclo mais recente, por influência da recesssão econômica de 1981-83, quando o preço médio do **ano-vale** (1982) foi inferior ao de 1977, ano em que se registrou o maior **consumo aparente** de carne bovina *per capita* (20,5 kg) no período, devido, principalmente, ao grande abate de matrizes (ver **Agroanalysis**, vol. 10, nº 1, janeiro de 1986). Nos anos subseqüentes (1983-84), porém, ainda refletindo os efeitos da recessão econômica, não se verificou a esperada recuperação **real** dos preços do boi gordo. Do ponto-de-vista dos pecuaristas, a alta de preços no biênio foi diminuta, ficando o preço médio de 1984 muito abaixo do de 1979 (ver Quadro 01).

Em 1985, não obstante a alta significativa observada no quadrimestre junho-setembro, o preço médio **real** do boi gordo foi inferior ao de 1984, em virtude da queda mais intensa registrada nos primeiros seis meses, a qual, aliás, vinha desde outubro de 1984 (ver **Agroanalysis**, vol. 10, nº 1, janeiro de 1986). Esses dados espelham a forte oscilação sazonal dos preços do boi gordo, que, ao que parece, tem sido, em uma longa fase de estagna-

PREÇOS REAIS[1] DO BOI GORDO NO ESTADO DE SÃO PAULO – 1954-85

GRÁFICO 01



FONTE – IEA-SP.

[1] Valores corrigidos pelo IGP-DI para março de 1986.

QUADRO 01 – PREÇOS REAIS[1] DO BEZERRO, BOI MAGRO E BOI GORDO NO ESTADO DE SÃO PAULO E PREÇOS DA CARNE BOVINA NO VAREJO NA CIDADE DE SÃO PAULO – 1969-85 (MÉDIAS ANUAIS) E 1986 (MÉDIAS MENSAIS)

ANO/MÊS	PREÇOS RECEBIDOS NO ESTADO DE SÃO PAULO						PREÇO NO VAREJO NA CIDADE DE SÃO PAULO	
	Bezerro (Cz$/cab)	Índice (Março/86 = 100)	Boi magro (Cz$/cab)	Índice (Março/86 = 100)	Boi gordo (Cz$/@)	Índice (Março/86 = 100)	Carne bovina (Cz$/kg)	Índice (Março/86 = 100)
1969	612	60	1.411	65	152,76	72	...	...
1970	746	73	1.744	80	179,75	84	...	...
1971	1.150	112	2.421	112	212,45	100	...	...
1972	1.323	129	2.582	119	229,68	108	25,40	100
1973	1.557	151	3.119	144	305,24	143	32,99	130
1974	1.554	151	3.455	159	308,47	145	31,54	124
1975	1.030	100	2.618	121	258,61	121	31,36	124
1976	775	75	2.035	94	227,10	107	26,92	106
1977	730	71	1.854	85	222,21	104	25,19	99
1978	1.281	125	2.729	126	291,59	137	32,73	129
1979	2.240	218	4.036	186	395,23	185	40,26	159
1980	2.104	205	3.614	167	340,72	160	36,86	145
1981	1.183	115	2.192	101	229,65	108	29,23	115
1982	828	81	1.772	82	206,74	94	27,60	109
1983	1.198	117	2.408	111	256,43	120	31,72	125
1984	1.578	153	2.910	134	279,70	131	30,48	120
1985	1124	109	2.255	104	244,18	115	27,96	110
1986 – Jan	1.065	104	2.412	111	257,09	121	30,21	119
Fev	945	92	2.072	96	212,30	99	25,79	102
Mar	1.028	100	2.169	100	213,13	100	25,36	100
Abr	1.228	119	2.404	111	215,35	101	25,22	99
Mai	1.434	139	2.702	125	219,59	103	24,97	98
Jun	1.636	159	2.914	134	213,18	100	25,16	99
Jul	1.775	173	3.120	144	256,39	120	25,03	99
Ago	1.943	189	3.358	155	277,58	130	24,60	97

FONTE – IEA-SP.
1 Valores corrigidos pelo IGP-DI para março de 1986.

ção, uma das formas encontradas pelos pecuaristas para melhorarem o faturamento médio anual.

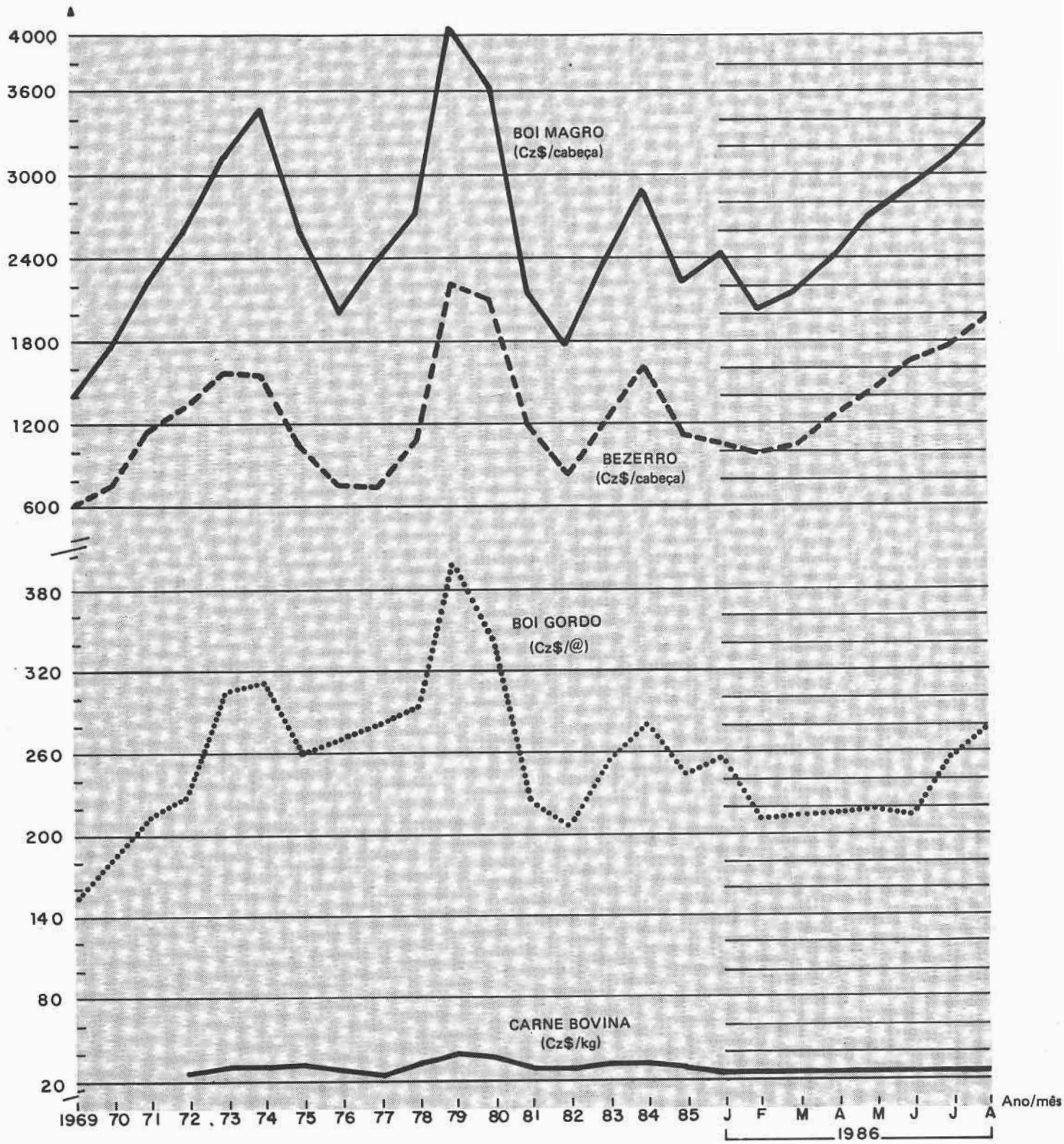
Por outro lado, a permanência, desde 1981, dos preços na faixa correspondente à metade inferior do último ciclo pecuário configura uma situação histórica anômala, além da provável repetição de ciclos mais curtos, de apenas cinco anos[2] (ver Gráfico 02). A explicação para essa interferência pode residir no fato de a continuidade da alta histórica da carne bovina estar condicionada ao desenvolvimento constante da economia. E mais: a estática que parece estar interferindo no ciclo pecuário pode ser considerada seqüela da recessão econômica. Isto porque a retomada do desenvolvimento econômico, já a partir de 1984, não veio acompanhada da majoração gradativa e firme dos preços do boi gordo. Provavelmente, essa não-correlação se explica pelo arrocho salarial da classe média, principal segmento consumidor da carne bovina, que foi implantado desde 1979, ano em que se registraram os preços mais altos do boi gordo e da carne bovina.

Cabe recordar que, apesar da escassez do produto e do fato de seus preços terem sido considerados excepcionalmente elevados pelos próprios pecuaristas, não se observaram, naquele ano, crises de vulto no abastecimento, porque o poder de compra da classe média ainda não tinha sido afetado. Como os efeitos corrosivos das leis salariais recentes reduziram fortemente a capacidade aquisitiva dessa classe, a sua volta ao mercado, nos mesmos níveis anteriores a 1979, vinha-se configurando de forma muito lenta no biênio 1984-85, até a sua liberação mais intensa no corrente ano, com o Plano de Estabilização. Ressalte-se, no entanto, que essa onda consumidora não se baseou exclusivamente em um avanço salarial que, de modo generalizado, ainda não se verificou em nível correspondente à sua corrosão anterior. Houve, porém, expansão da

(2) Considerando-se apenas o ângulo biológico, a duração média do ciclo pecuário deveria ser de sete anos, período correspondente ao nascimento de uma matriz e a engorda para abate de sua primeira cria. Fatores de ordem econômica e tecnológica e o maior acesso a informações influenciam também o ciclo, mais freqüentemente no sentido da redução da sua amplitude.

PREÇOS REAIS[1] DO BEZERRO, BOI MAGRO E BOI GORDO NO ESTADO DE SÃO PAULO E DA CARNE BOVINA NO VAREJO NA CIDADE DE SÃO PAULO – 1969-85 (MÉDIAS ANUAIS) E 1986 (MÉDIAS MENSAIS)

GRÁFICO 02



FONTE – IEA-SP.

[1] Valores corrigidos pelo IGP-DI para março de 1986.



massa de salários, com a melhoria do nível de emprego, ampliação da renda disponível (menor desconto do **Imposto de Renda** na fonte) e da utilização dos recursos em cadernetas de poupança, no embalo da esperança de uma moeda estável, acenado pelo governo federal. No caso específico da carne bovina, deve-se acrescentar que a melhoria relativa do poder de compra derivou também do tabelamento dos seus preços no varejo em níveis abaixo dos que já estavam sendo praticados em fevereiro.

Os efeitos da recessão econômica sobre a configuração **padrão** do ciclo pecuário podem ser observados, também, na proporção de matrizes sacrificadas, que foi elevada em **1982**, em razão dos preços baixos, e assim continuou no biênio **1983-84** (ver Quadro 02), mesmo quando os preços do boi gordo registraram alta, embora pequena. Essa discrepância vem, de certa forma, ratificar a insatisfação dos pecuaristas com a majoração dos preços na fase ascendente do **ciclo**, em níveis muito aquém de suas expectativas.

Repercussões do Plano de Estabilização Econômica

A aceleração do processo de retomada do desenvolvimento econômico, iniciada em **1984**, foi o principal reflexo da atual reforma da economia. O seu impacto vem incidindo com especial ênfase sobre a atividade criatória, à qual tem sido canalizado grande volume de recursos.

Há que se ressaltar a tendência dos preços e da oferta de animais para abate, prevalecentes na área de produção, quando do lançamento do **Plano de Estabilização**. O balanço do exercício de **1985** foi insatisfatório para os pecuaristas, devido à oscilação dos preços (em junho, o preço da arroba do boi representou **43%** do de setembro de **1984**) e à seca que atingiu as pastagens no inverno, cujas seqüelas poderiam afetar a safra e a entressafra subseqüentes. Além disso, como reflexo da matança desproporcional de matrizes desde **1982** (ver Quadro 02), era previsível queda na oferta de animais para abate, em **1986**. Pela mesma razão, pode-se prever que essa escassez não se circunscreverá ao corrente ano, mas se estenderá pelo menos até **1988**. Neste contexto, entre os pecuaristas, havia uma expectativa de retomada dos preços, interrompida em **1985**. O momento adequado para a deflagração desse processo seria, provavelmente, a entressafra, época em que tradicionalmente os preços sobem.

Situação conjuntural

Considerando-se aspectos mercadológicos dos produtos pecuários, o comportamento do mercado, neste ano, pode ser dividido em três fases distintas: 1) a de antes do **Plano de Estabilização Econômica** (janeiro-fevereiro); 2) a dos preços estabilizados no nível do **acordo de cavalheiros**, de março (ver **Agroanalysis**, vol. 10, nº 7, julho de **1986**), tendo como partes o governo, os pecuaristas e os frigoríficos (março-abril); e 3) após o rompimento do **acordo** (de maio em diante).

Na primeira fase, a evolução do mercado foi relativamente tranqüila, podendo ser vista como um prolongamento do último bimestre de **1985**. Apesar da seca que atingiu as pastagens das principais regiões produtoras

QUADRO 02 – BRASIL – ABATE ANUAL DE BOVINOS POR CATEGORIA DE ANIMAIS – 1976-85
(mil cabeças)

ANO	Nº TOTAL	ÍNDICE (1976 = 100)	ABATE DE BOIS			ABATE DE VACAS			ABATE DE VITELOS		
			Nº	% relação ao total	Índice (1976 = 100)	Nº	% relação ao total	Índice (1976 = 100)	Nº	% relação ao total	Índice (1976 = 100)
1976	10.715	100,0	6.998	65,3	100,0	3.583	33,4	100,0	135	1,3	100,0
1977	12.274	114,5	7.413	60,4	105,9	4.735	38,6	132,2	125	1,0	92,6
1978	11.427	106,6	7.724	67,6	110,4	3.593	31,4	100,3	111	1,0	82,2
1979	10.048	93,8	7.182	71,5	102,5	2.774	27,6	77,4	92	0,9	68,1
1980	9.573	89,3	7.215	75,4	103,1	2.273	23,7	63,4	85	0,9	63,0
1981	9.956	92,9	7.166	72,0	102,4	2.709	27,2	75,6	81	0,8	60,0
1982	11.659	108,8	7.547	64,7	107,8	4.018	34,5	112,1	93	0,8	68,9
1983	11.548	107,8	7.626	66,0	109,0	3.831	33,2	106,9	90	0,8	66,7
1984	10.214	95,3	6.495	63,6	92,8	3.681	36,0	102,7	39	0,4	28,9
1985	10.233	95,5	6.865	67,1	98,1	3.324	32,5	92,8	44	0,4	32,6

FONTE – Pesquisa Mensal de Abate de Animais – IBGE.

QUADRO 03 – BRASIL – PESO DAS CARCAÇAS DOS BOVINOS ABATIDOS, POR CATEGORIA DE ANIMAIS – 1985-86 (JANEIRO A AGOSTO)
(em t)

MÊS	BOVINOS EM GERAL			BOIS			VACAS			VITELOS		
	1985	1986	%	1985	1986	%	1985	1986	%	1985	1986	%
Janeiro	177.791	162.602	–8,5	123.739	110.832	–10,4	53.570	51.468	–3,9	482	302	–37,3
Fevereiro	165.887	175.972	6,1	116.204	117.415	1,0	49.289	58.323	18,3	394	234	–40,6
Março	191.412	206.396	7,8	137.219	146.893	7,1	53.932	59.305	10,0	261	198	–24,1
Abril	211.066	251.692	19,2	157.984	196.134	24,1	52.678	55.360	5,1	404	198	–51,0
Maio	239.336	229.544	–4,1	184.788	183.224	–0,8	54.203	46.096	–15,0	345	224	–35,1
Junho	211.467	190.991	–9,7	161.609	154.955	–4,1	49.507	35.767	–27,8	351	269	–23,4
Julho	206.531	125.981	–39,0	156.342	101.132	–35,3	49.810	24.601	–50,6	379	248	–34,6
Agosto	171.110	106.152	–38,0	127.739	86.104	–32,6	42.984	19.730	–54,1	387	318	–17,8
TOTAL Janeiro-agosto	1.574.600	1.449.330	–8,0	1.165.624	1.096.689	–5,9	405.973	350.650	–13,6	3.003	1.991	–33,7

FONTE – Pesquisa Mensal de Abate de Animais – DEC/SUICOM/DEOSE – IBGE.
Nota: Dados obtidos a partir da amostra formulada em janeiro de 1984.

do Sul do país, o retorno das chuvas apontava para uma rápida recuperação da capacidade de alimentar o rebanho, propiciando condições para que a oferta de animais pudesse atingir níveis semelhantes aos de 1985. Os preços reais do boi gordo e da carne bovina, que praticamente dobraram entre junho e outubro de 1985, trilharam, no começo do ano, uma fase de calmaria, ficando abaixo do ritmo inflacionário (ver Quadro 01).

Com o advento da **Nova República**, houve uma melhoria relativa do poder de compra da população, que, em seguida, viria beneficiar-se, também, de uma queda de preços da carne bovina. No período de abril a dezembro de 1985, esses preços foram 10,3% menores do que no ano anterior, tendência que persistiu até o lançamento do **Plano de Estabilização Econômica.**

Em março-abril, embora com a demanda aumentada pela melhoria da relação de compra **salário mínimo/carne bovina**, o mercado esteve calmo, tendo em vista o avanço, embora em nível um pouco menor, da produção (ver Quadro 03).

A partir de maio, iniciou-se uma fase de turbulência, com o rompimento do **acordo de cavalheiros**, devido, precipuamente, à alta dos preços dos animais de reposição (bezerro e boi magro) e, segundo os pecuaristas, à conseqüente inviabilidade da manutenção dos preços do boi gordo(3). Nesta fase, porém, o caráter agudo da atual crise do abastecimento deveu-se principalmente a dois fatores: escassez natural de boi gordo e sua retenção nos pastos, pelos pecuaristas. Quanto à retenção, é o exame dos dados mais recentes da **Pesquisa Mensal de Abate de Animais**, do **IBGE**, que permite essa inferência: em relação aos mesmos meses do ano passado, os abates de bovinos caíram 5%, em maio; 12%, em junho; e 39,8% (cerca de metade da matança de abril-maio/86), em junho-agosto. Em 1985, ano em que os reflexos do grande sacrifício de matrizes, de 1982, já se deviam fazer sentir, o abate geral de animais, em julho-agosto foi apenas 12,4% abaixo do de abril-maio (2.064.000 cabeças). Essa enorme discrepância do fluxo de animais para abate só pode ser cabalmente explicada pela retenção dos bois, em razão da diferença no movimento dos preços: no ano passado, foi francamente ascendente, a partir de junho e, este ano, com a intervenção do governo federal, os preços reprimidos condicionaram a decisão do pecuarista de retê-los nos pastos. Diante da escassez natural, a queda aceitável na oferta de bois gordos, em julho-agosto, seria, no máximo de 20%, sendo muito pouco provável que atingisse 34,1%, percentual registrado pelo **IBGE** (ver Quadro 04).

É oportuno destacar, porém, que a análise acurada do quadro de abates demonstra que a produção de carne bovina retraiu-se no período janeiro-agosto mais em função da menor matança de matrizes (–13,1%) do que de boi gordo (–8,6%), conforme demonstra o Quadro 04. Entre março e agosto, observou-se, também, uma nítida queda na proporção do abate de matrizes: de 39,5%, em janeiro-fevereiro, para 27,5% no período pós-**Plano de Estabilização Econômica.** Essa reversão na tendência de liquidação do rebanho, iniciada em 1982, reflete o aumento dos investimentos na atividade criatória. Se no curto prazo, a nova tendência significa menor oferta de carne, no longo, configura algo benéfico ao país, com o aumento de sua oferta, a partir de 1989.

Considerando que eram previsíveis uma menor oferta de carne bovina e,

(3) Os preços **médios** coletados pelo **CEA** não registram, contudo, em nenhuma unidade da Federação, que os **bois de reposição** tenham sido vendidos a preços superiores aos dos **bois gordos**, como se andou noticiando.

QUADRO 04 – BRASIL – ABATE MENSAL DE BOVINOS, POR CATEGORIA DE ANIMAIS – 1985-86 (JANEIRO A AGOSTO)
(mil cabeças)

MÊS	BOVINOS EM GERAL			BOIS			VACAS			VITELOS		
	1985	1986	%	1985	1986	%	1985	1986	%	1985	1986	%
Janeiro	865	815	–5,8	545	497	–8,8	314	315	0,3	6	3	–50,0
Fevereiro	796	865	8,7	504	514	2,0	287	348	21,3	5	3	–40,0
Março	904	963	6,5	588	619	5,3	313	342	9,3	3	2	–33,3
Abril	973	1.140	17,2	665	821	23,5	304	317	4,3	4	2	–50,0
Maio	1.091	1.039	–4,8	776	769	–0,9	311	267	–14,1	4	3	–25,0
Junho	980	867	–11,5	689	655	–4,9	287	209	–27,2	4	3	–25,0
Julho	975	584	–40,1	674	434	–35,6	297	147	–50,5	4	3	–25,0
Agosto	833	505	–39,4	568	384	–32,4	261	118	–54,8	4	3	–25,0
TOTAL Janeiro-agosto	7.417	6.778	–8,6	5.009	4.693	–6,3	2.374	2.063	–13,1	34	22	–35,3

FONTE – Pesquisa Mensal de Abate de Animais – DEC/SUICOM/DEOSE – IBGE.
Nota: Dados obtidos a partir da amostra formulada em janeiro de 1984.

QUADRO 05 – BRASIL – EXPORTAÇÃO DE CARNE BOVINA – 1985-86 (JANEIRO A AGOSTO)

MÊS	QUANTIDADE (t)		VARIAÇÃO (%)	VALOR (US$ 1000 Fob)		VARIAÇÃO (%)	PREÇO MÉDIO (US$/t Fob)		VARIAÇÃO (%)
	1985	1986		1985	1986		1985	1986	
CARNE DE BOVINO CONGELADA, FRESCA OU REFRIGERADA									
Janeiro	8.758	1.050	–88,0	12.666	2.860	–77,4	1.446,22	2.723,81	88,3
Fevereiro	13.729	11.843	–13,7	33.021	23.382	–29,2	2.405,20	1.974,33	–17,9
Março	6.344	11.865	87,0	11.154	24.044	115,6	1.758,20	2.026,47	15,3
Abril	14.363	16.680	16,1	27.080	34.048	25,7	1.885,54	2.041,25	8,3
Maio	14.382	13.346	–7,2	27.243	27.595	1,3	1.894,24	2.067,66	9,2
Junho	10.594	8.664	–18,2	18.469	16.919	–8,4	1.743,35	1.952,79	12,0
Julho	14.560	11.323	–22,2	25.298	22.364	–11,6	1.737,50	1.975,10	13,7
Agosto	20.899	4.820	–76,9	36.753	9.161	–75,1	1.758,60	1.900,62	8,1
TOTAL	103.629	79.591	–23,2	191.684	160.373	–16,3	1.849,71	2.014,96	8,9
CARNE INDUSTRIALIZADA									
Janeiro	6.816	11.375	66,9	14.433	21.718	50,5	2.117,52	1.909,93	–9,8
Fevereiro	8.088	14.605	80,6	15.705	18.779	19,6	1.941,77	1.285,79	–33,8
Março	8.315	4.854	–41,6	19.036	20.234	6,3	2.289,36	4.168,52	82,1
Abril	10.662	10.825	1,5	21.535	21.440	–0,4	2.019,79	1.980,60	–1,9
Maio	12.868	16.015	24,5	26.992	32.088	18,9	2.097,61	2.003,62	–3,5
Junho	12.434	11.676	–6,1	24.064	23.293	–3,2	1.935,34	1.994,95	3,1
Julho	12.103	13.877	14,7	23.374	27.691	18,5	1.931,26	1.995,46	3,3
Agosto	9.828	5.648	–42,6	19.024	11.413	–4,0	1.935,69	2.020,72	4,4
TOTAL	81.114	88.875	5,7	164.163	176.656	7,6	2.023,86	1.987,69	–1,8

FONTE – Cacex.
Nota: Utilizando-se os coeficientes de conversão de 1,5 para a carne in natura e de 2,5 para carne industrializada, obtêm-se as seguintes quantidades para o período janeiro a agosto: 1985 – 358.228,5 t e 1986 – 341.574 t, correspondendo a uma queda de 4,6%.

com o **Plano de Estabilização**, aumento da demanda, causa espécie verificar que as exportações mantiveram-se firmes ao longo do ano, mesmo a partir de maio, quando a escassez do abastecimento começou a se agravar.

No primeiro bimestre, as exportações totais, medidas em equivalente-carcaça, alcançaram 84.289 t, ou seja, 18,7% a mais do que em 1985. No bimestre março-abril, as exportações somaram 82.016 t, isto é, menos 4,5%. De maio a agosto, a quantidade exportada (175.269 t) foi apenas 15,6% menor do que a do ano passado, demonstrando uma queda no ritmo do aumento das vendas para o exterior (ver Quadro 05).

QUADRO 06 – BRASIL – CONSUMO APARENTE[1] MENSAL DE CARNE BOVINA[2] 1985-86 (JANEIRO A AGOSTO) – (em t)

MÊS	CONSUMO APARENTE (t)[2] 1985	1986	Δ%
Janeiro	147.614,0	132.589,5	–10,2
Fevereiro	125.073,5	121.695,0	–2,7
Março	161.108,5	176.463,5	9,5
Abril	162.866,5	199.609,5	22,6
Maio	185.593,0	169.487,5	–8,7
Junho	164.491,0	148.805,0	–9,5
Julho	154.434,5	74.304,0	–51,9
Agosto	115.191,5	84.802,0	–26,4
TOTAL	1.216.372,5	1.107.756,0	–8,9

FONTE – IBGE, Cacex.
[1] Dados aproximados, sujeitos a retificações;
[2] em equivalente-carcaça.

A conjugação dos dados relativos à produção até agosto permite fazer um balanço preliminar do **consumo aparente** de carne bovina, que começou a cair a partir de maio, agravando-se visivelmente de julho em diante. Tanto a quantidade diminuta de carne adquirida internamente quanto as partidas importadas, que chegaram com enorme atraso, pouco contribuíram para suavizar a turbulência do mercado, na sua fase mais crítica.

Entre março e agosto, isto é, logo após o **Plano de Estabilização Econômica**, o **consumo aparente** de carne bovina só cresceu em março e abril, registrando um total de 373.793 t em equivalente-carcaça, que corresponde a um aumento de 14,7% em relação ao mesmo período de 1985 (ver **Agroanalysis**, vol. 10, nº 7, julho de 1986). A partir de maio, com a queda na oferta interna e a manutenção do ritmo de exportação, o **consumo aparente** apresentou-se sempre declinante. No bimestre maio-junho, os números indicam um consumo de 318.293 t de carne bovina, representando 9,1% a menos do que ano passado. Em julho-agosto, o **consumo aparente** se reduziu a apenas 169.106 t, ou seja, menos 37,5% do que em 1985 (ver Quadro 06).

Ao perceber que o **Plano de Estabilização Econômica** estava sendo posto em xeque pela escassez de dois produtos básicos – carne bovina e leite – ambos de grande peso no cálculo dos índices de preços, o governo federal tomou medidas para vencer a insuficiente oferta e as distorções dela derivadas (cobrança de ágio, dentre outras). Um subsídio dado ao produtor de leite, ao lado da reidratação do leite em pó que foi importado, conseguiu contornar temporariamente os problemas desse mercado (ver **Agroanalysis**, vol. 10, nº 7, julho de 1986).

No caso da carne bovina, das muitas medidas aventadas ou realmente implementadas para regularizar o abastecimento (importação, confisco do rebanho, punições aos pecuaristas, via **Imposto de Renda** ou bloqueio ao acesso a financiamento bancário), somente a importação em grande escala (190 mil t) teria reflexos reais no mercado, tanto no ângulo do abastecimento como no da produção, se as partidas compradas, se é que as foram, tivessem aqui aportado em tempo hábil (até maio). Houve anúncios freqüentes, aliás, de que seriam adquiridas 250 mil t[(4)].

Em virtude do atraso, porém, os seus efeitos para a regularização do abastecimento, na fase aguda da escassez (junho-setembro), foram nulos. Até fins de setembro, a quantidade desembarcada de carne bovina proveniente dos **EUA** e da **CEE**, de acordo com os jornais, foi inferior a 40 mil t. Contudo, as partidas restantes (acrescidas de mais de 100 mil t, a serem importadas da **CEE**), deverão afetar a atividade produtiva nacional, pois aqui chegarão na fase última da atual entressafra e no período da safra, que se inicia em novembro. A existência de animais erados, retidos nos pastos, deverá favorecer, também, a normalização do mercado, nos próximos meses.

Na falta de estoques, o preço do boi gordo prosseguiu em ascensão, sendo provável que seu pico se situe em setembro ou outubro, época em que, tradicionalmente, assim ocorre. Além do atraso, contribuiu para isso o vagaroso processo de distribuição da carne importada, coadjuvada pelo seu aspecto **mumificado**, que desagradou larga parte dos consumidores.

A manutenção do ritmo da demanda dos animais de reposição, por parte dos pecuaristas, por sua vez, deverá causar, no período de safra, transtornos de monta, com os preços altos do bezerro e do boi magro e os **preços congelados** da carne importada, no varejo.

Por outro lado, ressalte-se que a anunciada importação de 190 mil t (mais 100 mil t em processo de contra-

(4) Não se dispõe de estatística recente de importação de carne bovina com o grau de detalhamento desejável.

tação) de carne, significa, além da **queima** de divisas, uma contribuição para o **enxugamento** dos elevados estoques da **CEE** e dos **EUA**. É possível, que, no curto prazo, essas operações afetem as empresas exportadoras brasileiras, e que, no longo prazo, venham a favorecê-las, bem como a de outros países, que pretendam continuar a vender carne bovina no mercado internacional, pois as compras brasileiras de agora vêm de encontro às políticas de redução dos enormes estoques norte-americano e europeu.

As exportações brasileiras de carne *in natura* do trimestre junho-agosto, declinando **46,1%** em relação às de **1985**, provavelmente já espelham a influência da entrada brasileira no mercado (ver Quadro **05**).

Considerando-se que a entressafra está praticamente encerrada, é de se crer que se regularize o abastecimento, como conseqüência das naturais leis do mercado e sanados os danos das decisões intervencionistas. As pastagens recuperar-se-ão, com a volta do calor e das chuvas e, então, será ativado o fluxo de animais prontos para abate e que, somados aos bois gordos ainda não abatidos, proporcionarão condições para a estabilidade dos preços. Para reforçar a oferta, dever-se-á contar com mais algumas toneladas de carne importada, que constam como adquiridas, mas ainda não desembarcadas. Além disso, deverá haver maior produção de carnes substitutas, sendo que, devido à maior flexibilidade de sua estrutura produtiva, a oferta de frangos e, provavelmente, a de suínos, poderá influenciar o abastecimento por mais alguns meses, em decorrência dos maiores alojamentos de pintos e demanda de leitões, nos meses anteriores.

As mais recentes medidas governamentais (liberação de importação de carnes em geral e de peixes; proibição de exportação de carnes; diminuição da alíquota do **ICM** sobre o boi gordo e a carne bovina) poderão influenciar o mercado, de modo bastante diferenciado.

Do ponto de vista do pecuarista, a redução do **ICM**, de **12%** para **1%**, além de ser um pleito antigo da categoria, constituir-se-á em compensação financeira. À semelhança do que ocorreu com o leite, a diminuição do **ICM** configurará um subsídio, embora indireto, à rentabilidade da pecuária, realmente conturbada, após o **Plano de Estabilização**. Essa medida trará benefícios também ao consumidor, uma vez que diminuirá os riscos à saúde, com a redução da matança clandestina de animais.

A suspensão das exportações terá reflexos no mercado, dependendo da sua abrangência, isto é, se será ou não total e se atingirá ou não licenças concedidas e/ou contratos firmados.

No que concerne à liberação das importações de carnes em geral, até dezembro de **1987**, a intensidade com que a medida influenciará o mercado estará por certo condicionada às atitudes dos empresários, que, tendo em vista a entrada da safra, talvez não se interessem em efetivá-las, pelo menos, de imediato.

Neste panorama nada alentador, é de se desejar que a turbulência do mercado, verificada em maio-outubro deste ano, não se repita em **1987**, nem nos anos seguintes. A oferta geral de carne bovina será quantitativamente idêntica à do corrente ano (provavelmente um pouco maior, em função da carne importada, que chegará atrasada e da quantidade de animais terminados e agora retidos no campo). A **lição** de hoje é de que só a **disponibilidade física do produto** possibilita administrar bem um mercado. A formação de reservas de carne bovina, se aconselhável, deverá fazer-se no período de dezembro a maio, de preferência com aquisição no país, a preços de mercado.

As crises no abastecimento de carnes são antigas e se repetem monotonamente. Quem quiser revolver o passado, sem ir muito longe, releia os jornais, por exemplo, de **1973** e veja quanta semelhança guardaram os acontecimentos de **1986**. Contudo...

A forte oscilação dos preços dos produtos da pecuária bovina (bezerro, boi magro, boi gordo e carne bovina) é notória, em razão da rigidez da oferta e da pouca expansão da demanda, que é elástica e, outrossim, do processo inflacionário. A alta dos preços dos animais de reposição historicamente, precede ou é simultânea, à do boi gordo e da carne bovina. Para cada produto, a variação dos preços segue a mesma tendência ao longo dos **ciclos**, distinguindo-se apenas nas suas amplitudes, que decrescem à medida que se aproxima do consumidor final. Essas observações são comprovadas pela análise dos últimos **ciclos** (1969-77 e 1977-82), quando se verifica que os preços dos bezerros dos **anos-pico** (1973 e 1979) chegaram a superar em três vezes os **anos-vale** (1977 e 1982). A variação do boi magro foi mais do que o dobro; a do boi gordo, próxima do dobro e a da carne bovina, de apenas 1,6 (ver Quadro 01 e **Agroanalysis**, vol. 8, nº 1, janeiro de 1984).

No corrente ano, em virtude da forte intervenção governamental na economia, a alta dos preços dos animais de reposição vem-se dando de forma inusitada, provocando, num mesmo exercício, reações em cadeia, que normalmente, ocorreriam apenas em vários anos (ver Gráfico 01). Neste sentido, ganhou corpo a alegação básica dos pecuaristas, mais defendida pela categoria dos invernistas, a respeito do tabelamento unilateral do boi gordo, deixando que flutuassem livremente os preços dos animais de reposição (boi magro e bezerro).

A oscilação mais acentuada dos preços dos animais de reposição constitui, pois, mais um motivo para que, nos programas de desenvolvimento da pecuária, incluam-se medidas de estocagem estratégica (ver **Agroanalysis**, vol. 10, nº 1, janeiro de 1986) e de apoio financeiro, com finalidade anticíclica, em relação às matrizes, de modo a evitar quedas indesejáveis de preços dos produtos pecuários que induzam o criador a abatê-las de forma indiscriminada. Somente a preservação das matrizes proporcionará uma oferta crescente de crias, ponto de partida e condição essencial para a expansão do rebanho, a regularização da oferta de outras categorias e a conseqüente suavização das amplitudes das variações cíclicas de seus preços.